

ATOS DE VIDA: PESSOAS LGBTQIA+ EM SITUAÇÃO DE RUA E A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL

Life acts: Homeless LGBTQIA+ people and social occupational therapy

Actos de vida: personas LGBTQIA+ en situación de calle y la terapia ocupacional social

Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva

<http://orcid.org/0000-0003-0299-6203>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional, Laboratório Metuia, São Carlos, SP, Brasil

Ana Paula Serrata Malfitano

<http://orcid.org/0000-0002-0502-3194>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional, Laboratório Metuia, São Carlos, SP, Brasil

Resumo

Introdução: As pessoas LGBTQIA+ em situação de rua vivem rupturas com suas redes sociais de suporte. A pobreza, marginalidade e precariedade são marcas da sobrevivência em suas vidas, que foram agravadas na pandemia da COVID-19. **Objetivo:** Conhecer atos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua durante a pandemia da COVID-19, em Maceió-AL, Brasil. **Métodos:** Através do Consultório na Rua e dois abrigos não governamentais que acolhem pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, foram entrevistadas sete pessoas que apresentaram momentos de suas vidas. Realizou-se também observação participante nos serviços e conversas informais. **Resultados:** Os dados expressaram rupturas e criações de redes sociais de suporte, perpassando a marginalização e a precarização. A ruptura com a família provocou a ida para as ruas, com histórias atravessadas pela pobreza. Já os sonhos são tecidos como fuga da realidade para criação de possibilidades e enfrentamentos. **Discussão:** Foram escolhidos atos como chaves de leitura, compreendidos como momentos da vida, inspirados pela poesia para discutir a realidade e possibilidades de ação profissional. São eles: como chegar junto; como existir; como sobreviver; sobre o viver na pandemia; e tempo para sonhar, apresentando sobre como sobreviver em Maceió-AL na pandemia. Os atos foram articulados a possíveis ações territoriais em terapia ocupacional social. **Conclusão:** Os atos foram possibilidades de compreender sobre o viver e sobreviver daquele grupo, incluindo o período da pandemia. Espera-se que as reflexões colaborem na compreensão da realidade dessas pessoas e com as ações profissionais, especialmente para terapeutas ocupacionais.

Palavras-chave: Pessoas LGBTQIA+. Pessoas em Situação de Rua. Narrativa Pessoal. Atividades Cotidianas. COVID-19. Terapia Ocupacional Social

Abstract

Introduction: LGBTQIA+ homeless people experience ruptures with their social support networks. Poverty, marginality, and precariousness are marks of survival in their lives, which were aggravated in the pandemic of COVID-19. **Objective:** To understand life acts in the lives of LGBTQIA+ homeless people during the pandemic of COVID-19, in Maceió-AL, Brazil. **Methods:** Through the "Consultório na Rua" and two non-governmental homeless shelters, seven people were interviewed to present moments of their lives. Participant observation in the services and informal conversations were also carried out. **Results:** The data expressed ruptures and creations of social support networks, permeating marginalization and precarization. The rupture with the family provoked a move to the streets, with stories crossed by poverty. The dreams are woven as an escape from reality to create possibilities and confrontations. **Discussion:** Acts were chosen as reading keys, understood as moments of life, inspired by poetry to discuss the reality and possibilities of professional action. They are: how to get together; how to exist; how to survive; about living in the pandemic; and time to dream, presenting how to survive in Maceió-AL in the pandemic. The acts were articulated to possible territorial actions in social occupational therapy. **Conclusion:** The acts were possibilities of understand about living and surviving of that group, including the pandemic. The reflections are expected to collaborate in understanding the reality of these people and with professional actions, especially for occupational therapists.

Keywords: LGBTQIA+ people. Homeless Persons. Personal Narrative. Activities of Daily Living. COVID-19. Social Occupational Therapy

Resumen

Introducción: Las personas LGBTQIA+ en situación de calle presentan rupturas de sus redes de soporte social. La pobreza, la marginalidad y la precariedad son marcas de sobrevivencia en sus vidas, las cuales se vieron agravadas por la pandemia de COVID-19. **Objetivo:** Conocer actos de la vida de las personas LGBTQIA+ que viven/vivieron en situación de calle durante la pandemia de COVID-19, en Maceió-AL, Brasil. **Métodos:** A través del "Consultório na Rua" y de los hospedajes no gubernamentales que acogen a personas LGBTQIA+ en situación de calle, se entrevistó siete personas para presentar momentos de sus vidas. También se realizaron observaciones participantes en los servicios y conversatorios informales. **Resultados:** Los datos expresaron rupturas y creaciones de las redes de soporte social, que traspasan la marginalidad y la precarización. La ruptura con la familia llevó a las personas a la calle, con historias atravesadas por la pobreza. Los sueños, en cambio, se tejen como una huida de la realidad para crear posibilidades y enfrentamientos. **Discusión:** Se eligieron los actos como claves de lectura, entendidos como momentos de la vida inspirados por la poesía, con el fin de discutir la realidad y las posibilidades de actuación profesional. Ellos son: cómo llegar juntos; cómo existir; cómo sobrevivir; sobre vivir en la pandemia; y tiempo de soñar, presentando así cómo sobrevivir en Maceió-AL durante la pandemia. Los actos se articularon a posibles acciones territoriales en terapia ocupacional social. **Conclusión:** Los actos fueron posibilidades de comprender sobre vivir y sobrevivir de ese grupo, incluido el período de la pandemia. Se espera que las reflexiones colaboren con la comprensión de la realidad de estas personas y con las acciones profesionales, especialmente para terapeutas ocupacionales.

Palabras clave: Personas LGBTQIA+. Personas en situación de calle. Narrativa Personal. Actividades cotidianas. COVID-19. Terapia Ocupacional Social

Como citar

Silva, R.G.L.B. & Malfitano, A.P.S. (2023). Atos de vida: Pessoas LGBTQIA+ em situação de rua e a terapia ocupacional social. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(3), dossiê temático:1978-1992. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto57609

1. Introdução

A pandemia de COVID-19 caracterizou-se como um evento mundial marcador de nossos tempos, requerendo ações de controle sanitário para a diminuição da disseminação do vírus. Sua devastação na vida de milhares de pessoas, mundialmente, trouxe também consequências sociais, fragilizando e estigmatizando ainda mais alguns grupos populacionais (Farias & Leite Jr., 2021).

Neste contexto, a sobrevivência destacou-se como um desafio, frente às incertezas vividas, atingindo, entre outros grupos populacionais, a população em situação de rua. Para este grupo, a dinâmica sobre o viver e de como sobreviver requer a tessitura de diferentes e permanentes estratégias que possibilitem a articulação de múltiplas instâncias.

O perfil desta população e sua diversidade dialoga com os fatores estruturais e sociais que impulsionam para situações de vidas nas ruas. Entre os agenciamentos vivenciados, a pobreza é uma condição de classe social que marca as vidas das pessoas nas ruas, entre diversidades e heterogeneidades (Bezerra et al., 2017; Sicari & Zabella, 2018). Para além desta forte marca, questões singulares e coletivas envolvem as identidades, raças, gêneros, sexualidades, classe social, precariedades e fragilidade dos vínculos sociais (Castel, 2000), entre outros fatores que são interseccionados e consubstanciados nas múltiplas vidas (Akotirene, 2019).

Dentre este diverso perfil, o presente estudo voltou-se para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. Medeiros et al. (2020) compreendem que esse recorte é um, entre os vários possíveis, enfocando as perspectivas das multiplicidades de gênero e sexual. Adotou-se a nomenclatura LGBTQIA+ com o objetivo de reconhecimento dos aspectos singulares e coletivos das diferentes formas de "ser humano" e de representatividade dessas pessoas nos espaços de sociabilidade, em diálogo com a atualidade da utilização da sigla pelos movimentos sociais, do Brasil e de outros países, como também consensuadas por militantes e algumas instituições privadas e públicas, com impactos em sua utilização nas políticas públicas.

Para além da sigla LGBTQIA+ é importante apresentar a proposição conceitual sobre "dissidências de gênero e sexualidade" (Colling, 2015). Segundo Monzeli (2022, p.8) o conceito de dissidência de gêneros e sexualidades é utilizado desde os anos 2000, em oposição à "diversidade" que "se dá na ideia de abarcar indivíduos que não se sentem contemplados com as categorias identitárias propostas na sigla LGBTQI+" (Leite Jr., 2019, p.7). Duarte (2020) aborda as dissidências sexuais e de gênero, que marcam os corpos e as vidas de pessoas LGBTQIA+, apontando:

são impostos padrões cada vez mais vulneráveis e precários nos vários setores e modos da vida social, seja na família, no trabalho, na escola, nos serviços de saúde, etc., e que vem se agravando na falta de leis que possam garantir segurança, direitos e políticas públicas para esta população. (Duarte, 2020, p.4).

Em concordância com o debate sobre as dissidências de gêneros e sexualidades, neste estudo, fizemos a escolha da nomenclatura pessoas LGBTQIA+, considerando que não se trata de enquadrar as pessoas

em categorias, teorias ou conceitos, mas sim pontuar o debate para compreender suas diferenças, diante de suas singularidades e individualidades e também dos aspectos coletivos.

Algumas pesquisadoras e pesquisadores têm se dedicado sobre diferentes dimensões sobre o viver e sobreviver das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. No repertório de pesquisas brasileiras é possível encontrar estudos com abordagens diversas e também com variações no uso da sigla LGBTQIA+, que são possíveis à medida que representam e dizem respeito sobre as pessoas que fazem parte desse grupo. Alguns estudos abordam aspectos como as vivências e narrativas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) de pessoas em situação de rua (Medeiros, 2020; Machado, 2015), a visibilidade e invisibilidade da comunidade LGBTQIA+ na assistência social (Fontana, Gomes & Silva, 2020), o mapeamento das exclusões da população LGBT em situação de rua nos serviços de saúde (Cardoso, 2020), a violência e sofrimentos psíquicos e sociais, como também os suicídios (Nagafuchi, 2019). O recorte sobre os direitos também aparece, tanto no estudo voltado para o público LGBT e seus direitos na cidade (Santos, 2018), como também mais especificamente sobre direitos humanos, pobreza e exclusão social de travestis e transexuais (Cruz & Silva, 2017).

Na abordagem a este público, ressalta-se um eixo comum: a vulnerabilidade social, expressa em múltiplas teorias. Segundo Paulo Freire (2021, p.52) "estar nas ruas não é um evento natural, mas sim um evento social, histórico, político, econômico". A realidade de pessoas em situação de rua é marcada pela amplitude dos processos macrossociais, com destaque à fragilidade e ausência de trabalho e, por vezes, de vínculos familiares.

Compreendemos aqui a noção de vulnerabilidade social a partir da contribuição entre diferentes linhas de pensamento, especificamente de Judith Butler e Robert Castel, que, a partir de conhecidas diferenças teóricas, possibilitam o enlace na discussão acerca da questão social, notadamente sobre a dimensão da desigualdade social, juntamente à consubstancialidade à discussão sobre gênero. Para Butler (2019, p.232) a vulnerabilidade pode se constituir como:

uma das condições da sociabilidade e da vida política que não pode ser estipulada contratualmente e cuja negação e manipulabilidade constituem um esforço para destruir ou gerenciar uma condição social.

Castel (2006) apresenta a noção de vulnerabilidade através do estudo analítico das dinâmicas sociais por meio de uma análise estrutural da sociedade, descrevendo zonas de transição social, entre a inserção e a desfiliação, ou seja, a dupla fragilização social. Para o autor, a zona de vulnerabilidade localiza-se no intermeio entre a inserção e a desfiliação, caracterizada como um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoada de indivíduos em vulnerabilidade tanto na sua relação com o trabalho quanto em sua inserção e fragilidade dos apoios relacionais.

A dinâmica é ainda composta pela zona de assistência, caracterizada por serviços públicos e/ou privados podendo tecer suportes ou controle da vida. Sendo, assim o conceito de vulnerabilidade, para Castel, caracteriza-se pela fragilidade entre o processo de inserção no trabalho, ou seja, a possibilidade de participação social por meio econômico; e/ou as fragilidades dos suportes sociais, característica da participação relacional. Quando ocorre a dupla fragilização destes aspectos, conceitua a desfiliação social,

mediante a sempre presente questão econômica, representado pelo trabalho (e sua precarização e/ou ausência), bem como a fragilização e ruptura com as redes pessoais e sociais de suporte.

Para Butler (2011, 2019), a vulnerabilidade decorre de processos presentes na vida, notadamente naquelas consideradas socialmente como “vidas precárias”. Em seus estudos sobre gêneros e sexualidades, ressalta que é preciso “acordar para aquilo que é precário em outra vida ou, antes, àquilo que é precário à vida em si mesma” (2011, p. 19).

Nesta composição aqui tecida, a proposta se revela em chaves de leitura que se voltem ao cotidiano de pessoas em situação de rua de Maceió, AL, buscando a compreensão acerca do seu sobreviver e sobre o viver. O cotidiano é aqui escolhido como elemento central de aproximação aos sujeitos na medida em que se traduz como *lócus* de ação em terapia ocupacional e conceito imbricado pelas dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais, tal como proposto na inseparabilidade da ação técnica entre macro e microssocial em terapia ocupacional social (Malfitano, 2016).

O cotidiano se insere dentro de uma experiência de vida em um território, requerendo diferentes leituras para sua compreensão, pois ocupa um “lugar privilegiado enquanto *lócus* de intervenção, buscando a transformação da realidade das populações acompanhadas [por terapeutas ocupacionais], tendo como centralidade o cotidiano do outro” (Bezerra, Basso & Lopes, 2022, p.11). Segundo Galheigo (2020), por meio do cotidiano:

É possível acessar a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos. A leitura do cotidiano permite ainda conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos; as representações que fazem suas experiências em meio à ideologia hegemônica que cria instituídos e resulta na instrumentalização da vida diária. Cotidiano, portanto, é experiência e saber (Galheigo, 2020, p.8).

É no cotidiano que vivemos e podemos observar aspectos singulares sobre o viver, por meio das experiências e histórias de vida. Sobre o viver e o sobreviver são dimensões que fazem parte do cotidiano de todos nós. Estas duas dimensões podem ser analisadas através da ótica de Castel (2006), diante dos conceitos de vulnerabilidade e desfiliação, na perspectiva das consequências causadas pelo capitalismo “em sua fase contemporânea, uma vez que o sistema propõe formas cruéis de existência para os menos favorecidos, tornando-os vulneráveis a situações de pobreza, desemprego e violação de direitos” (Machado, 2022, p. 45). Articuladamente, os conceitos de “vida precária” e “precariedade”, formulados por de Judith Butler (2019, p.221), expressam uma forma de “morte social”, interrogando-nos se “É possível viver uma vida boa em uma vida ruim?” (Butler, 2019, p.213), indicando caminhos na realidade social que podem ser observados através da chave de leitura da dialética e convivência entre o sobreviver e sobre o viver de pessoas vivenciando processos de precariedade.

Nesta dialética da vida e da necessidade de sobrevivência existe uma dualidade apresentada entre a “objetividade” e a “subjetividade” (Barros et al., 2002), “o objetivo e o subjetivo na percepção do real” (Guerra, 1993), entre o “real” e “imaginário” (Galheigo, 2020), que são pontos de partida para o trabalho da terapia ocupacional social, enraizado nos territórios de vida dos sujeitos. Ou seja, aproximar-se do cotidiano do outro permite-nos compreender vidas que se tecem em contextos diversos e múltiplos.

Tendo por base tais referenciais, buscou-se conhecer momentos de vidas de pessoas LGBTQIA+ vivendo nas ruas, aqui nomeados como atos, com o intuito de traçar discussões acerca de ações profissionais em terapia ocupacional social, as quais, pela característica da vida nas ruas, partem do território.

2. Métodos

A aproximação com as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua foi realizada em três espaços institucionais da cidade de Maceió, Alagoas, e que são serviços de referência para esta população. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Maceió - (Maceió, 2021) a rede de serviço socioassistencial para a população em situação de rua foi estruturada através do Plano Intersectorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal para esta população. São ofertados os serviços de abordagem social, que oferecem atenção às “necessidades mais imediatas dos indivíduos e famílias atendidas, buscando promover o acesso à rede de serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas na perspectiva da garantia dos direitos” (p.14); o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, ou Centro Pop; e os serviços de acolhimento institucional, que funcionam como espaços de acolhimentos e abrigamento público para pessoas em situação de rua em Maceió.

Para o início do trabalho de campo, foram realizados contatos com as coordenações de dois serviços da rede socioassistencial e um serviço de saúde, foram eles: um Consultório na Rua e dois abrigos não governamentais e sem fins lucrativos. A escolha dos locais se deu pela sua centralidade na rede de assistência. O Consultório na Rua realiza atividades itinerantes, indo ao encontro da população nas ruas, motivo que optamos pelo trabalho em parceria com sua equipe. Um dos abrigos se caracteriza como a primeira instituição que oferta serviço de acolhimento com abrigamento para pessoas LGBTQIA+ no estado de Alagoas, sendo uma referência para aquela população. A ida ao segundo abrigo decorreu das atividades de campo, por indicação das equipes acompanhadas e das pessoas em situação de rua com quem iniciamos os contatos. Foi recebida autorização formal para o acompanhamento de todas as equipes e observação e participação nos espaços das três instituições, pelo período de quatro meses, em 2022. Para além das aprovações institucionais, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da universidade sede do estudo.

As atividades em campo foram registradas por meio de diário de campo e pela utilização de entrevistas narrativas. Para Jovchelovich e Bauer (2002), as entrevistas narrativas consistem em um discurso livre sobre suas vidas, em uma narrativa espontânea, disparada através de uma pergunta geradora, assim, segundo Muylaert et al. (2014), as narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos. O objetivo com a utilização de tais técnicas metodológicas foi de aproximação com aquelas pessoas para conhecer aspectos da sua vida cotidiana e suas vivências nas ruas, com enfoque no período da pandemia. As visitas aos serviços ocorreram duas vezes por semana, por quatro horas em cada dia, tendo semanas com mais visitas, a depender da programação da instituição e/ou contato com as pessoas.

Resultados e Discussão

Foram entrevistadas sete pessoas, com idade de 22 a 45 anos, que se autodeclararam como travesti, mulher transexual, pessoa não-binária¹ e gay, com vivência na rua entre dois e 11 anos. As entrevistas tiveram uma duração entre 20 e 59 minutos, resultando em um material transcrito de 34 páginas. O quadro 1 apresenta os/as participantes do estudo.

Quadro 1. Colaboradores(as) da pesquisa

<i>Nome²</i>	<i>Idade</i>	<i>Auto-identificação</i>	<i>Local de aproximação com o pesquisador</i>
Ana	28 anos	Travesti	Abrigo
Sara	25 anos	Mulher transexual	Abrigo
Joan	27 anos	Pessoa não-binária	Rua
Safira	22 anos	Travesti	Rua
Rafa	22 anos	Mulher transexual	Abrigo
Juno	26 anos	Homem cisgênero	Abrigo
Milly	45 anos	Travesti	Abrigo

Fonte: autores.

Com base nas vivências junto aos/às colaboradores/as da pesquisa, foi construído um esboço conceitual sobre aspectos de seus cotidianos por meio de *atos*, com o objetivo de conhecer sobre a realidade enfrentada e as estratégias para lidar com ela. Os *atos* são considerados aqui como categorias para favorecer a análise, partindo da compreensão de se constituírem como elementos que fazem parte da vida das pessoas, do seu viver em sociedade. Os *atos* foram considerados momentos da vida que existem entre o nascer e o morrer de cada ser humano. Os atos foram sintetizados de forma a sistematizar a concepção e nossa leitura sobre o cotidiano daquelas pessoas, porém se trata de uma proposição metodológica de organização dos argumentos, reconhecendo a sempre presença da intersecção entre os atos de vida. Os atos mostraram-se como uma possibilidade e meio para discutir a forma como essas pessoas vivem, existem, sonham e sobrevivem. Para fundamentar os atos de vida, foram articuladas teorias, conceitos e pensamentos, junto com as histórias e narrativas de cada pessoa, através de elementos individuais e coletivos na perspectiva da terapia ocupacional social. Tal escolha justifica-se pela terapia ocupacional social direcionar seus referenciais teórico-metodológicos para temáticas que se conectam às vidas de sujeitos individuais e coletivos, por meio de uma abordagem em seus cotidianos, notadamente acerca das dificuldades para a sua vida social (Lopes & Malfitano, 2023).

A tessitura dos atos buscou enfatizar o processo de pesquisa no *ato 1* e principalmente sobre o viver e o sobreviver nos outros atos sequencialmente aqui elencados.

¹ Pessoa não-binária são pessoas que suas identidades e expressões de gênero não são limitadas ao binarismo dos gêneros masculinos e femininos.

² Nomes aqui apresentados são fictícios, sendo pseudônimos escolhidos pelos/as participantes.

Ato 1: como chegar junto

O *Ato 1: como chegar* assinala a importância da construção de estratégias de aproximação. No nosso caso, isso ocorreu pela intermediação de profissionais dos três serviços parceiros deste estudo, cujas pessoas já são conhecidas e reconhecidas pela população de rua. Eles/elas nos possibilitaram a aproximação, o reconhecimento e autorização para chegar junto. Caminhamos nas ruas com a equipe do Consultório de Rua; frequentamos ambos os abrigos, almoçando, jantando, convivendo em seus espaços. Tais momentos foram essenciais para chegar junto e ser autorizado a estar junto para a aproximação e (re)conhecimento. Chegar junto foi possível por muitas formas de convivência em ato.

O acolhimento, perceber o outro através do olhar, da fala e da relação corpo a corpo configuraram como possibilidades humanas de se relacionar, aqui especificamente como uma estratégia de efetivação do campo da pesquisa, que requer o ato de chegar junto, de se aproximar, visando ao diálogo com as pessoas sobre suas experiências de vida. Portanto, o *Ato 1: como chegar junto* é uma proposta para pensarmos os caminhos de aproximação com as pessoas. O ato de chegar junto pode ser a relação criada corpo a corpo buscando conhecer o cotidiano do outro. É uma relação humana e física, através do ato de olhar, de falar, de se sentir. Esses atos nos permitem o acolhimento, assim como a aproximação, que favorecem o processo de criação de vínculo.

Destaca-se aqui que tais elementos são enfatizados como instrumentos importantes para a consecução de ações profissionais com base na terapia ocupacional social, a qual propõe a utilização de tecnologias sociais, que podem ser aplicadas o objetivo de promover a construção, a reconstrução e/ou o fortalecimento de redes sociais de suporte para as pessoas que estão vivenciando processos de rupturas e desfilições. As tecnologias desenvolvidas na terapia ocupacional social, como os acompanhamentos singulares e territoriais (Lopes et al., 2014; Lopes et al., 2011), caracterizados pela “escuta atenta das demandas de pessoas, grupos ou coletivos” (Lopes et al., 2014, p. 597) e também pelo acompanhamento profissional necessário diante de tais demandas, são ferramentas relevantes que permitem *chegar junto*. Para sua execução, demanda “reflexões e intervenções que se dediquem à produção e/ou ao fortalecimento das redes sociais de suporte de grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social, bem como em situação de desfiliação” (Malfitano, 2005, p.6).

Portanto, chegar junto à população que está nas ruas, no processo de pesquisa, assim como na ação profissional, requer estar no espaço público, na criação de ações nos territórios que valorizem a escuta, a construção de vínculos (podendo ser mediado pelo uso de atividades), juntamente com uma horizontalidade e disponibilidade para as relações (Bianchi & Malfitano, 2022).

Ato 2: como existir

Ato 2: como existir, expõe a ameaça de existências sofridas pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua em conjuntura com as possibilidades de sobrevivência. As dinâmicas e os sistemas sociais, os processos de marginalização e precarização da vida marcam essas pessoas de formas diferentes e provocam a invisibilidade social como uma característica coletiva dos seus modos de vida.

Foi possível observar o processo de invisibilidade social através de seus depoimentos:

Às vezes parece que eu não existo, toda suja jogada no chão na rua, mesmo as roupas sujas e o cheiro ruim do meu corpo não faz as outras pessoas perceberem que eu existo (Safira, junho de 2022)

Quando eu estou na rua, as pessoas já te olham feio e nesse olhar deles você já vê que você é tratado como um bicho. (Juno, junho de 2022).

A nossa existência no mundo provoca diferentes sentidos no viver e nos fluxos da vida, isso pode entrar em conflito com a noção de ser humano, a qual deveria partir do direito à vida para todos. Entretanto, há vidas mais humanas que outras, criando sentidos diversos, expressos nas relações pessoais, na questão social e no processo de precarização das vidas ou na forma como as “vidas precárias” (Butler, 2019) em processo de “desfiliação” (Castel, 2006) são vistas ou possíveis de serem vividas. As diferenças são marcadas na vida de cada pessoa, sendo que o cotidiano na rua acaba “exigindo destes a elaboração de estratégias de existência em meio ao contexto que os permeiam” (Melo, 2021, p.116), para poder ter o direito de existir.

Ato 2: como existir exemplifica caminhos para pensarmos os processos de marginalização e precarização da vida que provocam a invisibilidade dos corpos das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. Existir é um ato, as pessoas em situação de rua passam por esse processo através dos atos de existência e inexistência na rua, o que é ressaltado pelo sofrimento acarretado pelas invisibilidades quando circulam pelas ruas, transformando-se no sentimento de sua não existência. Tal fenômeno é observado também com outros grupos invisibilizados socialmente, como discutem Gonçalves & Malfitano (2022) referente aos jovens moradores de favelas. “Vidas precárias” resistem pelo ato de existirem.

Segundo Melo (2021, p.10) é “possível pensar formas de enfrentamento a essas invisibilidades, marginalizações e, conseqüentemente, à negação de direitos e acesso à cidadania”. Para isso os terapeutas ocupacionais no campo social podem estruturar estratégias articulando as possibilidades de tessitura de novas redes sociais de suporte, assim como o fortalecimento das existentes, através do resgate de vínculos já presentes na vida das pessoas ou através da “dinamização da rede de serviços” (Lopes et al., 2014, p.594) de saúde, assistência social e outras áreas que possam estar envolvidas na atenção às pessoas em situação de rua.

Tal tema é de bastante complexidade, remetendo à cultura predominante e sua abertura (ou não) às diferentes possibilidades de vida. Visibilidade e invisibilidades se sobrepõem em diferentes perspectivas sociais, não podendo ser invisibilizada também pelos/as profissionais. Terapeutas ocupacionais em atuação nos territórios e comunidades ressaltam a tessitura de redes – formais e informais – como uma das ações profissionais executadas (Bianchi & Malfitano, 2022). Entretanto, a realidade aqui vivenciada por nossos/as colaboradores/as desenha uma demanda muito básica: a necessidade de redes para a sua sobrevivência. Aquilo que é um direito fundamental básico: o ato de existir, apresenta-se como uma demanda de mediação de ações para que ocorra com dignidade. Para isso, terapeutas ocupacionais

podem lançar mão da articulação dos serviços em rede para o início de uma abordagem profissional: buscar garantir o direito de existir e ser visto, dignamente.

Ato 3: como sobreviver

Viver na rua é um ato de sobrevivência. *O ato 3: como sobreviver*, relata sobre a vida daquelas pessoas nas ruas e suas fragilidades, rupturas e vínculos possíveis, tendo aqui sido focado pela constituição de suas redes sociais de suporte. O medo e a insegurança foram sentimentos relatados pelas pessoas com ruptura com suas famílias, tendo este sido um evento marcador da ida de nossos/as colaboradores/as para as ruas, associado às condições econômicas precárias de pobreza em suas histórias.

Como sobreviver ou podemos chamar também de como viver nas ruas. A estrutura social da vida é complexa e pode ser observada diante de formas diferentes. Aqui foi feita a escolha de análise acerca do conceito das redes sociais de suporte, com base em Castel (2006), tendo como lócus de aproximação e compreensão o cotidiano. Para Isabel Guerra (1993), é vida cotidiana que o objetivo e o subjetivo, na percepção do real, entrelaçam-se nas realidades sociais e o simbólicas, de pessoas, grupos e populações, possibilitando o sobreviver e a criação do viver.

As redes sociais de suporte são tessituras formadas ao longo da vida das pessoas LGBTQIA+ que vivem em situação de rua e vão se configurando em vários formatos durante a sua vida, como as relações entre as pessoas e os grupos, os espaços que vivem e circulam, entre as pessoas e as instituições, “que pode ou não ser acionada em momentos de enfrentamento e dificuldades” (Almeida et al., 2015, p.56). No *ato como sobreviver*, foi possível observar que a família foi o primeiro espaço de rompimento que essas pessoas declararam ter vivenciado, rompendo assim com a sua rede social de suporte mais nuclear e pessoal.

Podemos observar as redes sociais de suporte formais e informais dentro da dinâmica do “sistema e os atores” (Guerra, 1993, p.60) que compõem as tessituras de apoio. As redes sociais de suporte informal e pessoal são compostas através das relações humanas com pessoas que fazem parte do cotidiano de forma mais íntima e presente, como a família, amigas(os), colegas, vizinhas (os). Já as redes sociais de suporte formal são constituídas por serviços institucionais de diferentes setores que prestam assistência e dão suporte profissional para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua.

A família é comumente considerada parte da rede de suporte primária e informal, sendo que todos/as os participantes do estudo referiram-se à centralidade de suas famílias, seja de forma positiva ou negativa. O rompimento familiar foi um evento elencado por todos/as, influenciando sua ida à vida nas ruas.

As pessoas em situação de rua normalmente não têm para onde ir, por isso elas vivem na rua (Juno, junho de 2022)

Hoje em dia a minha vida é muito mais perigosa porque eu não tenho para onde ir, minha mãe morreu. Normalmente eu tinha a casa da minha mãe como referência. Hoje eu vivo na rua, sou como um andarilho e eu não confio em ninguém. (Juno, junho de 2022)

O que é que a gente passa ali naquele momento na rua, é babado! Só quem vive isso sabe (Ana, julho de 2022).

Como sobreviver responde sobre a importância das redes sociais de suporte na estrutura dos modos de vida, sendo as organizações, formais e informais, presentes na constituição de estratégias para sobreviver nas ruas. Estar em grupo, ter um parceiro(a), buscar ajuda em instituições são formas de fazer a manutenção da sobrevivência no cotidiano e mostra traços de como são os modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua em Maceió, AL.

Para além de redes que possibilitem o existir, conforme discutido no Ato 2, o terapeuta ocupacional dispõe de recursos para lançar estratégias para buscar o crescimento e/ou fortalecimento de redes de suporte, como propostas por Castel (2006). Sendo que tais articulações devem ser tecidas nos espaços reais de vida dos sujeitos, ou seja, em seus territórios, por meio da "articulação de recursos no campo social" (Lopes et al., 2014), visando estratégias do viver, para além do sobreviver.

Ato 4: sobre viver na Pandemia

No *ato 4: sobre viver na pandemia* foram relatados que a falta de emprego, a questão da pobreza, a insegurança alimentar e o fato de não ter um espaço para moradia já eram problemas anteriores enfrentados por aquelas pessoas, os quais foram agravados durante a pandemia. Trata-se de fatores coletivos, sobre os quais os aspectos individuais compõem conjuntamente possibilidades de modos de vida que deflagram a situação de rua de pessoas LGBTQIA+.

A pandemia trouxe muitas pessoas para rua. Essas pessoas aprenderam a fazer muitas coisas na rua, sejam coisas boas ou ruins para sobreviver. (Juno, junho de 2022)

A dualidade é uma dinâmica que marca o percurso de sobrevivência de algumas pessoas que passam pela situação de rua. Existe um processo entre o viver e o sobreviver, que se articula com o cotidiano da realidade daquelas pessoas. É o que afirma Juno, logo em seguida quando eu perguntei como está sendo viver na pandemia.

A gente que vive na rua, nós estamos sobrevivendo muito antes da pandemia, muitas pessoas não têm noção disso, mas tem pessoas que não têm o corpo forte, têm pessoas que não têm a mentalidade forte, pessoas que passaram por vivências tão difíceis na vida, que fode a mente da pessoa, que ela prefere simplesmente ficar quieta, elas preferem ficar paradas, foi isso que aconteceu comigo na pandemia, eu fiquei paralisado, a gente passa por coisa que não são imagináveis. (Juno, junho de 2022)

O *ato 4: sobre viver na pandemia* demonstra os impactos da realidade social enfrentada pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua durante a pandemia e também antes dela. As pessoas que participaram desta pesquisa, antes de se encontrarem em situação de rua, já enfrentavam problemas financeiros relacionadas com a dificuldade em acessar o trabalho e de ter uma renda estável, que foram intensificados com a pandemia, expondo de forma mais crua a marginalidade na vida dessas pessoas.

Segundo Barros et al. (2002, p.101) “a luta contra a exclusão implica luta contra a desregulamentação do trabalho e pela distribuição da riqueza; sem negligenciar o fato de que as ações precisam estar inseridas num processo político consciente”. Com isso, as ações da terapia ocupacional social devem articular “os diferentes setores e níveis de intervenção, facilitando a efetividade e o direcionamento das estratégias” (Lopes et al., 2014, p.598) para promover ações para lidar com os impactos sociais causados pela pandemia, nas perspectivas micro e macrossociais das realidades de cada sujeito.

Ato 5: Tempo para sonhar

Eu prefiro ser sozinha, livre e poder curtir os momentos que eu tenho de vida, eu não sei o dia que eu vou morrer. Eu tenho que aproveitar todos os momentos, com quem for e com quem seja, eu tenho que aproveitar todos os segundos e qualquer minuto porque para mim é diferente, é muito importante viver. (Rafa, junho de 2022).

O *ato 5: tempo para sonhar*, aponta a importância dos sonhos para sobrevivência das pessoas em situação de rua. O ato de sonhar é algo comum entre as pessoas que vivem, porém, é como a experiência de vida humana em sua individualidade que cada sonho é um ato no imaginário ou se materializa na vida das pessoas. São os sonhos que permitem com que as pessoas possam planejar futuros ou minimizar a dor e o sofrimento instalados pela situação vivida.

É na experiência do sofrimento que as pessoas encontram soluções, por meio da esperança para pensar novas possibilidades para viver. O *sonho* pode ser compreendido pela terapia ocupacional social como um elemento para atuar e estruturar suas ações técnicas e teóricas. O “compromisso ético e político é com os sujeitos individuais e coletivos que, numa sociedade desigual, sofrem com as iniquidades, com a supressão de seus direitos, liberdades” (Melo, 2021, p.200).

Sonhar é pensar no futuro, seja um futuro próximo – como a manhã, tarde, noite ou a madrugada; ou um futuro que é o amanhã; ou ainda um tempo mais distante do tempo presente. Segundo Freire (2021, p.78) “não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizam a sua concretização”. É no ato de sonhar que as pessoas estruturaram no campo imaginário os seus desejos de concretização de vida para o futuro.

Meu sonho é ter uma casa própria e viver bem! Não faltar nada para eu comer e viver bem. Não faltar dinheiro para comprar as coisas que eu gosto, não faltar dinheiro para meu armário e geladeira está sempre cheia, para eu comer o que quiser. Esse é meu único sonho (Milly, junho de 2022)

No *ato 5: tempo para sonhar*, foi possível observar que o cotidiano daquelas pessoas tem uma conexão com o imaginário dos desejos e, principalmente, dos sonhos. Os sonhos se caracterizam como um fator comum, coletivo e individual, pois sonhar é uma estratégia de vida que aquelas pessoas usaram para sobreviver em Maceió em meio à vida nas ruas. Sonhar favorece a manutenção da existência de suas vidas, podendo ser um desejo imediato no tempo presente ou futuro, possibilitando a criação de planos e novas possibilidades para além da situação de rua e a precarização vivida.

A terapia ocupacional social acontece no tempo do outro, é sobre o tempo, no tempo e junto com o tempo que no ato de sonhar os terapeutas ocupacionais podem desenvolver suas ações. Sonhos podem ser compreendidos como territórios de atuação, sempre com respeito ao sonho do outro, para que articulações, criações e/ou fortalecimento de redes sejam executados. Os sonhos podem ser o território de mediação de ações sobre o viver, na criação de possibilidades para além da indispensável sobrevivência.

Considerações Finais

Relevante destacar alguns contornos da pesquisa que se apresentaram como limites, na medida em que o estudo foi realizado a partir de contextos institucionais, ou seja, por meio da participação e mediação de um serviço de saúde e de duas instituições não governamentais. Ainda, contou com um quantitativo pequeno de pessoas entrevistadas, com faixas etárias parecidas, ofertando discussões que não podem ser generalizáveis, embora apontem pistas para a discussão sobre este tema. Também, o campo foi realizado durante o período da pandemia de COVID-19, configurando as formas de estabelecer relações entre as pessoas, diante do distanciamento físico, das lutas para sobreviver ao vírus e o sentimento pessoal e coletivo de tantas vidas perdidas.

Ainda assim, as proposições realizadas nesse estudo mostram que é possível apreender aspectos sobre os cotidianos de pessoas, grupos, populações e comunidades em processos de sobrevivência, marginalização e em ruptura com suas redes sociais de suporte através do desenho de leitura inspirado em atos de vida e direcionar possíveis ações práticas e teóricas em terapia ocupacional social junto as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua.

Para os/as colaboradores/as deste estudo, a pandemia de COVID-19 não foi o motivo que os/as levou para as ruas, tendo sido ocasionado por processos anteriores de rupturas com suas redes sociais de suporte, em específico a família. Estando na rua, aquelas pessoas viveram entre a marginalização, precarização e dificuldades materiais e físicas, às vezes, no limite da vida, sobrevivendo. Quando foram analisados os seus aspectos sobre o viver, foi possível perceber que, para além das realidades entre a marginalização, precarização e rupturas com as redes sociais de suporte, existiam outras dimensões, pois, no processo de sobreviver, as pessoas existem, têm desejos e sonhos, vivendo suas vidas.

Vale destacar que as instituições foram importantes neste processo para a sobrevivência, lidando com as urgências advindas da precariedade. A fome é um dos rompimentos mais radicais, sendo que as instituições, para aquelas pessoas que conseguiram ter acesso a elas, forneceram, de forma imediata,

assistência às necessidades básicas cotidianas para permitir o mínimo para a vida, como por meio da oferta de alimentação e um local para descansar, dormir e tomar banho. No contexto da pandemia de COVID-19, mas não só, isso foi fundamental.

A terapia ocupacional social compreende que todas as pessoas deveriam ter chances de vida para construir, com liberdade, suas opções e possibilidades de viver. Desta forma, assume como responsabilidade a construção de estratégias que viabilizem a sobrevivência para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, por meio do acesso a serviços que lhe garantam direitos básicos, articulando com outros setores, instituições e profissionais pelas políticas sociais. Por meio da implementação de inovações técnicas e tecnologias sociais que se direcionem a ampliar as possibilidades de vida, articulando com os sujeitos, compreendendo diferentes territórios, como a rua, como espaço de ação profissional. É por meio da mistura com o outro, no cotidiano, em seus diferentes territórios, com análises sobre os seus modos de vida e os atos de vida que a terapia ocupacional social atua para a existência e manutenção da vida de pessoas em situação de precariedade, rupturas e sofrimentos, com uma postura radical de sua proteção e acesso ao direito à vida; assim como também pela criação de alternativas de construção sobre o viver e de seus sonhos.

Referências

- Almeida, M. C., Barros, D. D., Costa, S. L., Soares, C. R. S. & Galvani D. (2015). Glossário de base para a terapia ocupacional na assistência social. In: Chagas, J. N. M., Barros, D. D., Almeida, M. C., Costa, S. L. *Terapia Ocupacional na Assistência Social. CREFITO2*: Rio de Janeiro. p. 1-60.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.
- Barros, D. D., Ghirardi, M. I. G. & Lopes, R. E. (2002). Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, São Paulo*, 13, 95-103.
- Bezerra, W. C., Lopes, R. E., & Basso, A. C. S. (2022). As estruturas da vida cotidiana e a terapia ocupacional: tensionando limites e possibilidades no/do exercício profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3031.
- Bezerra, W. C., Silva, B. K. da, & Ribeiro, M. C. (2017). Entre a casa e a rua: a percepção de adolescentes em situação de rua sobre o seu cotidiano. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 28(1), 100-109.
- Bianchi, P. C., & Malfitano, A. P. S. (2022). Atuação profissional de terapeutas ocupacionais em países latino-americanos: o que caracteriza uma ação territorial-comunitária? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3053. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO23163053>
- Butler, J. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cardoso, H. M., Moretti- Pires, R. O, & Campos, D. A. (2020). Gênero, sexualidade e saúde: mapeamento das exclusões de pessoas LGBT em Situação de Rua frente nos serviços de saúde no Município de Florianópolis, SC. *Brazilian Journal of Development*. (6) 8, 54255- 54266.
- Castel, R. (2006). A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. *Caderno CRH.*, 10 (26). 19-40.
- Castel, R. (2000). As armadilhas da exclusão. In: Belfiore-Wanderley, M.; Bógus, L.; Yazbek, M. C. (Orgs.). *Desigualdade e a questão social*. (pp. 236-264). São Paulo: EUC.

Colling, L. (2015). *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. EDUFBA: Salvador.

Duarte, M. J. O. (2020). Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. *APESJF – Associação dos Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora*. 1-13.

Farias, M. N., & Leite Junior, J. D. (2021). Vulnerabilidade social e COVID-19: considerações com base na terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 29, e2099.

Fontana, L.; Gomes, M. Do A. A.; Silva, S. S. da. (2020). (In)visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na assistência social: proteção social a quem necessitar? *ODEERE*. (5) 10. 304-319.

Freire, P. (2021). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, (1) 28, 5-25.

Gonçalves, M.V., & Malfitano, A.P.S. (2022) Jovens brasileiros em situação de pobreza: O cotidiano na favela, *Journal of Occupational Science*, 29:2, 263-278, DOI: 10.1080/14427591.2020.1854040

Guerra, I. (1993) Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. *Sociologia - Problemas e Práticas*, (3) 59-74.

Jovchelovich, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In: Bauer, M. W; Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

Leite Junior, J. D. (2019) "Esse povo é pior que gente normal": terapia ocupacional e cuidado junto à população dissidente em gêneros e sexualidades. (Trabalho de conclusão) Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Lopes, R.E., & Malfitano, A.P.S. (2023). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar.

Lopes, R. E., Malfitano, A. P. S., Silva, C. R., & Borba, P. L. de O. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, (3) 22, 591-602.

Lopes, R. E.; Borba, P. L. de O.; & Cappelaro, M. (2011). Acompanhamento Individual e Articulação de Recursos em Terapia Ocupacional Social: Compartilhando uma Experiência. *O Mundo da Saúde*. (35) 233-238.

Maceió, Alagoas. PMM/SMS - Prefeitura de Maceió, Secretaria Municipal de Saúde. (2021) *Relatório do Consultório na Rua*. Secretaria Municipal de Saúde, Maceió.

Machado, R. W. G., (2022) População LGBTQIA+ em situação de rua: Assistência Social em debate. *Revista Gênero*. (22)2, 29-51.

Machado, R. W. G. (2015). População LGBT em situação de rua: uma realidade emergente em discussão. *Revista EDUC*, (1) 3. 57-67.

Malfitano, A. P. S. (2005). Campos e núcleos de intervenção. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 16(1), 1-8.

Muylaert C. J.; Júnior V. S.; Gallo P. R.; Neto M. L. R.; Reis A. O. A. (2014), Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. (48) 2. 184-189.

Medeiros, L. P., Amorim, A. K. M. A. & Nobre, M. T. (2020). Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua: repensando identidades, normas e abjeções. *Pesqui. Prát. Psicossociais*. (15) 1, 1-16.

Melo, K. M. M. (2021). *Entre rupturas e permanências: modos de vida e estratégias de enfrentamento à vida nas margens no cotidiano de pessoas trans*. (Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos). Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Nagafuchi, T. (2019). A urgência do debate sobre o suicídio das pessoas LGBTQIA+: experiência e subjetividade. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. (2) 1, 103-127.

Nascimento, L. C. P. (2021). *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.

Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*. (38), 662-679.

Contribuição dos autores: R. G.L.B.S. foi responsável pela elaboração, coleta e análise de dados, escrita do texto. A.P.S.M. foi responsável pela orientação do trabalho, análise dos dados, escrita e revisão do texto.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Código 001.

Outras informações: Este trabalho apresenta parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada "Sobre viver em Maceió: atos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua e a terapia ocupacional social", desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autora. Dissertação disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17510>

Recebido em: 26/03/2023

Aceito em: 02/08/2023

Publicado em: 15/08/2023

Editor(a): Pamela Biachi